



Eixo 6 – O mundo digital: apropriações e desafios

Não uso de bibliotecas digitais no ensino superior público: barreiras informacionais, institucionais e de mediação entre estudantes do IFFar

Non-use of digital libraries in public higher education: informational, institutional and mediation barriers among IFFar students

Josef de Aquino Peruck – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFAR) – josefperuck@gmail.com

Debora Bobsin – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – deborabobsin@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa os fatores associados ao não uso da biblioteca digital Minha Biblioteca por estudantes de graduação do Instituto Federal Farroupilha (IFFar). Derivado de pesquisa aplicada, quantitativa e descritivo-analítica, o estudo utilizou survey com 366 discentes de cursos presenciais, dos quais 199 declararam nunca ter utilizado bibliotecas digitais. Os resultados indicam que o não uso se relaciona menos à ausência de infraestrutura e mais ao desconhecimento do serviço, à baixa divulgação, à escassez de orientação e às dificuldades de uso. Conclui-se que a subutilização expressa fragilidades de mediação institucional e de inserção pedagógica da plataforma.

Palavras-chave: Biblioteca digital. Não uso. Mediação da informação. Ensino superior público. Acesso à informação.

Abstract: This article analyzes the factors associated with the non-use of the digital library Minha Biblioteca by undergraduate students at the Federal Farroupilha Institute (IFFar). Derived from an applied, quantitative, descriptive-analytical study, the research used a survey with 366 students enrolled in on-campus programs, of whom 199 reported never having used digital libraries. The results indicate that non-use is related less to lack of infrastructure and more to unawareness of the service, limited publicity, insufficient guidance, and usability difficulties. It concludes that underuse reflects weaknesses in institutional mediation and pedagogical integration of the platform.

Keywords: Digital library. Non-use. Information mediation. Public higher education. Access to information.



1 INTRODUÇÃO

A crescente digitalização dos acervos acadêmicos tem deslocado as bibliotecas digitais para uma posição estratégica nas políticas de informação e nas práticas de ensino superior. Mais do que simples extensões eletrônicas do acervo impresso, essas plataformas envolvem infraestrutura tecnológica, organização da informação, serviços e formas de acesso mediadas por ambientes digitais (Sayão, 2009). No caso dos livros eletrônicos, essa transformação também altera as práticas de leitura e consulta, uma vez que o e-book pode incorporar busca, navegação, marcação, hiperlinks e outras funcionalidades próprias do ambiente digital (Vassiliou; Rowley, 2008).

No Brasil, a expansão dos acervos virtuais ganhou densidade institucional à medida que os processos de avaliação do ensino superior passaram a reconhecer acervos físicos, virtuais ou mistos como componentes legítimos da infraestrutura acadêmica, desde que garantidas condições efetivas de acesso e continuidade do serviço (INEP, 2022). Ainda assim, a disponibilidade tecnológica não assegura, por si só, o uso recorrente e significativo desses recursos. A apropriação de serviços digitais depende também de fatores como percepção de utilidade, facilidade de uso, condições facilitadoras, orientação institucional e integração às práticas acadêmicas (Venkatesh *et al.*, 2003; Xue; Rashid; Ouyang, 2024; Nahotko; Deja, 2024).

É nesse ponto que o tema do não uso ganha relevância analítica. Em contextos institucionais, não utilizar uma plataforma não significa necessariamente resistência individual, desinteresse ou recusa ao digital. Pode indicar, antes, que o serviço não se tornou visível, inteligível, acessível ou pedagogicamente integrado às práticas dos sujeitos a quem se destina. Nessa direção, Brunskill e Hanneke (2021) destacam que estudantes não usuários de bibliotecas acadêmicas constituem um grupo relevante de investigação, pois sua ausência de uso pode revelar limites dos serviços, lacunas de comunicação e barreiras institucionais pouco percebidas quando se observa apenas o público já engajado.

No Instituto Federal Farroupilha (IFFar), essa questão se mostra particularmente relevante. A instituição mantém contrato com a plataforma Minha Biblioteca desde 2020 como recurso de apoio ao ensino e ao acesso às bibliografias dos cursos, mas os dados da pesquisa que dá origem a este artigo evidenciaram baixa adesão discente.



Diante desse cenário, o artigo tem como objetivo analisar os fatores associados ao não uso da biblioteca digital entre estudantes de graduação do IFFar, sustentando que a subutilização da plataforma se explica menos por limitações de infraestrutura e mais por barreiras informacionais, comunicacionais e de mediação institucional.

2 METODOLOGIA

Este artigo deriva de uma pesquisa mais ampla sobre a aceitação e o uso da biblioteca digital Minha Biblioteca entre estudantes de graduação do IFFar. Neste recorte, analisam-se especificamente os respondentes que declararam nunca ter utilizado bibliotecas digitais. A investigação caracterizou-se como pesquisa aplicada, de abordagem quantitativa e caráter descritivo-analítico, operacionalizada por meio de survey com estudantes de cursos presenciais de graduação da instituição.

A amostra final reuniu 366 respondentes, provenientes de diferentes campi do IFFar. Para os fins deste artigo, foram analisadas as respostas dos 199 estudantes classificados como não usuários. O instrumento de coleta contemplou questões de perfil sociodemográfico e acadêmico, perguntas específicas para estudantes sem experiência prévia de uso da biblioteca digital e uma escala baseada na Teoria Unificada de Aceitação e Uso da Tecnologia (UTAUT), modelo voltado à compreensão dos fatores associados à adoção de tecnologias (Venkatesh *et al.*, 2003), aplicada apenas aos usuários.

Como o foco deste artigo recai sobre os não usuários, mobilizaram-se exclusivamente os itens destinados a esse grupo, especialmente acesso regular a dispositivos com internet, motivo principal para nunca ter utilizado a biblioteca digital, recebimento de orientação, fonte dessa orientação e obstáculos declarados ao uso. Os dados foram organizados em planilha e tratados com apoio dos softwares *SPSS* e *Jamovi*, utilizando-se frequências absolutas e relativas. A pesquisa observou procedimentos de consentimento, tratamento agregado e anonimização dos dados.



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E MAGNITUDE DO NÃO USO

Participaram do estudo 366 estudantes de graduação do IFFar, com idade média de 26,1 anos (DP = 6,65), mediana de 25 anos e variação entre 18 e 61 anos. Houve predomínio de participantes do sexo feminino (57,3%), com distribuição relativamente equilibrada entre os turnos diurno (54,1%) e noturno (44,5%). Em relação às áreas dos cursos, observou-se maior concentração em Ciências Agrárias (32,2%) e Licenciaturas (28,4%), que, juntas, representam 60,6% da amostra. Também predominam estudantes em etapas mais avançadas da formação, com 60,5% situados nos anos finais do curso.

No que se refere ao contato prévio com bibliotecas digitais, 199 estudantes (54,4%) declararam nunca ter utilizado esse tipo de recurso, enquanto 167 (45,6%) afirmaram já ter tido alguma experiência de uso. Esse dado fundamenta diretamente o recorte analítico deste artigo. Mais do que uma informação descritiva, a magnitude do não uso indica que a existência formal da plataforma não se converteu, para parcela expressiva dos estudantes, em apropriação efetiva do serviço.

Esse resultado desloca o problema do plano estritamente tecnológico para o plano institucional. Se a biblioteca digital está contratada e disponível, mas mais da metade dos respondentes nunca a utilizou, a questão central deixa de ser apenas a oferta do recurso e passa a envolver sua visibilidade, sua comunicação, sua mediação e sua integração ao cotidiano acadêmico. Em outras palavras, a plataforma existe, mas sua existência institucional não significa, automaticamente, presença significativa nas práticas de estudo.

Na pesquisa mais ampla, observou-se ainda que o contato prévio com bibliotecas digitais não se distribui de modo totalmente homogêneo entre os grupos. Sexo, área do curso e ano de formação não apresentaram associação significativa com esse contato. Por outro lado, faixa etária e turno apresentaram associação estatisticamente significativa, embora com efeitos fracos. Esse dado sugere que a apropriação de bibliotecas digitais pode variar conforme trajetórias de formação, rotinas acadêmicas e condições de inserção institucional.

Esse achado dialoga com estudos sobre aceitação tecnológica, segundo os quais a adoção de uma tecnologia depende menos de sua simples existência e mais da



percepção de utilidade, da facilidade de uso e das condições facilitadoras oferecidas aos usuários (Venkatesh *et al.*, 2003; Xue; Rashid; Ouyang, 2024). No caso analisado, o número expressivo de não usuários sugere que a principal barreira ocorre antes mesmo da avaliação aprofundada da plataforma, pois muitos estudantes sequer chegam a experimentá-la.

3.2 Barreiras ao uso: desconhecimento, orientação e acesso

Entre os 199 não usuários, destacaram-se como fatores associados ao não uso o desconhecimento da existência do serviço, a falta de divulgação, a ausência de orientação sobre como acessar e utilizar a plataforma, as dificuldades de uso e a preferência por livros físicos. Quando questionados sobre o motivo principal para nunca terem utilizado bibliotecas digitais, 41 estudantes (20,6%) afirmaram não ter achado necessário, 37 (18,6%) indicaram preferência por livros físicos, 35 (17,6%) disseram não saber como acessar ou utilizar o serviço, 31 (15,6%) declararam não saber que a biblioteca digital existia e outros 31 (15,6%) apontaram dificuldade de uso da plataforma. Outros motivos reuniram 24 respostas (12,1%).

Esses dados indicam que o não uso não decorre prioritariamente da indisponibilidade de meios técnicos. Pelo contrário, o quadro que emerge é o de uma combinação entre baixa visibilidade, lacunas de orientação, percepção limitada de necessidade e dificuldades de apropriação. Nesse sentido, “não achar necessário” não deve ser interpretado apenas como desinteresse. Em muitos casos, a percepção de necessidade é construída institucionalmente: o estudante tende a reconhecer a utilidade de um recurso quando ele aparece nas disciplinas, nos planos de ensino, nas atividades acadêmicas, nas orientações da biblioteca e nas práticas docentes.

Esse ponto merece atenção porque, em muitas instituições, a biblioteca digital tende a ser tratada como recurso “implantado” a partir do momento em que o contrato é firmado e o link de acesso é disponibilizado em páginas institucionais. No entanto, do ponto de vista do estudante, um serviço só passa a existir efetivamente quando se torna reconhecível, relevante e utilizável em situações concretas de aprendizagem. Sem esse processo de tradução institucional, a plataforma permanece como uma infraestrutura invisível: disponível formalmente, mas pouco integrada às práticas reais de busca, leitura e estudo.



Outro dado relevante é que a maioria dos não usuários possuía acesso regular a dispositivos com internet. Dos 198 respondentes válidos nessa questão, 185 (93,4%) afirmaram ter acesso regular, enquanto apenas 13 (6,6%) declararam não possuir. Esse resultado enfraquece interpretações simplificadoras que atribuem o não uso exclusivamente à exclusão digital em seu sentido mais elementar, entendido como ausência de conexão ou de dispositivo. Embora as desigualdades tecnológicas continuem sendo uma dimensão importante do ensino superior brasileiro, neste estudo o obstáculo predominante não foi a impossibilidade material de acesso, mas a não incorporação do serviço às rotinas acadêmicas.

A questão da orientação reforça esse diagnóstico. Entre os 199 não usuários, 87 (43,7%) afirmaram não ter recebido orientação sobre a biblioteca digital, 67 (33,7%) disseram ter recebido e 45 (22,6%) preferiram não responder. Quando houve indicação de fontes de orientação, bibliotecários e professores apareceram igualmente como mediadores principais, com 29 menções cada, correspondendo a 33,3% das respostas válidas dessa questão. Colegas, outros agentes e combinações de fontes apareceram com menor frequência.

Esse dado evidencia que a mediação da biblioteca digital não é tarefa exclusiva de um setor. Bibliotecários têm papel central, mas docentes e coordenações de curso também participam da construção da relevância acadêmica do recurso. Quando a plataforma não aparece nas atividades de ensino, nos roteiros de pesquisa, nas bibliografias das disciplinas ou nas práticas avaliativas, ela tende a permanecer como serviço periférico, mesmo quando institucionalmente disponível.

Os obstáculos declarados ao uso confirmam esse quadro. Entre 196 respostas válidas, 52 estudantes (26,5%) indicaram falta de conhecimento técnico, 45 (23,0%) apontaram falta de divulgação, 36 (18,4%) mencionaram preferência por livros físicos, 19 (9,7%) indicaram falta de internet estável e 44 (22,4%) assinalaram outros obstáculos. A leitura conjunta desses dados sugere que as barreiras mais recorrentes são informacionais e institucionais, não exclusivamente materiais. O problema, portanto, não está apenas em acessar a internet, mas em saber que o serviço existe, compreender como utilizá-lo e perceber sua relevância para as demandas acadêmicas.

3.3 Preferência pelo impresso e mediação institucional



Entre as razões declaradas para o não uso, apareceu também a preferência por livros físicos. Esse resultado não deve ser lido de forma apressada como rejeição ao digital. Ele pode expressar hábitos de leitura já consolidados, maior familiaridade com suportes impressos, dificuldades de concentração em tela, limitações de navegação na plataforma ou ausência de experiências guiadas que tornem o acervo digital pedagogicamente significativo.

Em outras palavras, a preferência pelo impresso pode ser menos uma escolha isolada de suporte e mais um efeito de socialização acadêmica. Quando docentes, bibliotecários e planos de ensino não mobilizam ativamente a biblioteca digital, o estudante tende a recorrer aos formatos que já domina e reconhece como mais seguros. Nesse sentido, a permanência do impresso não nega, necessariamente, o potencial do digital; antes, revela que a plataforma ainda não se consolidou, para parte do público, como ferramenta situada de estudo.

Essa interpretação se articula a estudos que apontam que a adoção de tecnologias educacionais não depende apenas de atributos técnicos, mas também de reconhecimento social, utilidade percebida e integração às práticas formativas concretas (Venkatesh *et al.*, 2003; Xue; Rashid; Ouyang, 2024). Assim, a presença da preferência pelo impresso entre os motivos do não uso indica que o desafio não está apenas em disponibilizar conteúdos digitais, mas em construir condições institucionais para que esses conteúdos sejam legitimados e incorporados como parte da cultura acadêmica.

Tomados em conjunto, os resultados permitem sustentar que o não uso da biblioteca digital, no caso estudado, é mais bem explicado como efeito de fragilidades de mediação institucional do que como simples resistência tecnológica dos estudantes. Quando os principais obstáculos relatados são desconhecimento, baixa divulgação, ausência de orientação e dificuldades de uso, o que se evidencia é a insuficiência de uma política consistente de inserção do recurso. Em vez de um problema de recusa ao digital em si, o que aparece é um cenário em que a biblioteca digital não foi suficientemente traduzida para o universo concreto das práticas estudantis.

Nessa direção, o fortalecimento do uso depende da redução sistemática dos atritos de entrada, isto é, dos obstáculos que dificultam o primeiro contato, o acesso inicial e a continuidade do uso. No caso das bibliotecas digitais, esses atritos podem ser



reduzidos por meio de medidas articuladas, como simplificação dos caminhos de acesso, maior destaque da plataforma no site institucional, integração com ambientes virtuais de aprendizagem, inserção de links diretos nas disciplinas e nos planos de ensino, produção de tutoriais curtos, vídeos rápidos, FAQ, atendimento orientado e apoio contextual quando o estudante precisa localizar ou utilizar determinado material.

Essas medidas deslocam a biblioteca digital da condição de recurso apenas disponível para a condição de serviço efetivamente mediado. A inovação em bibliotecas universitárias não se limita à adoção de ferramentas digitais; envolve a capacidade institucional de reorganizar produtos e serviços informacionais de acordo com necessidades concretas da comunidade acadêmica (Paula; Silva; Woida, 2020). Nesse ponto, a mediação da informação permanece central: quanto mais a plataforma depende de autenticação, navegação, busca, seleção e leitura em tela, mais necessário se torna o acompanhamento ativo do usuário.

Esse argumento é especialmente relevante em instituições públicas, nas quais a contratação de recursos informacionais envolve não apenas decisão administrativa, mas também responsabilidade pedagógica e social. Quando uma plataforma permanece subutilizada, o problema não pode ser reduzido a uma falha de escolha individual; ele passa a interpelar os modos como a instituição comunica, acompanha e integra seus recursos digitais ao processo formativo. Nesse sentido, a baixa utilização também convida a refletir, em pesquisas futuras, sobre critérios de aquisição, custos, estratégias de publicização, modelos comerciais das editoras e formas de avaliação do retorno social e pedagógico desses investimentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou os fatores associados ao não uso da biblioteca digital Minha Biblioteca entre estudantes de graduação do Instituto Federal Farroupilha. Os resultados evidenciaram que a subutilização do recurso não se explica prioritariamente por ausência de infraestrutura tecnológica, mas por barreiras informacionais, comunicacionais e institucionais. O desconhecimento da existência do serviço, a baixa divulgação, a ausência de orientação, as dificuldades de uso e a percepção limitada de necessidade apareceram como elementos recorrentes, indicando que a mera



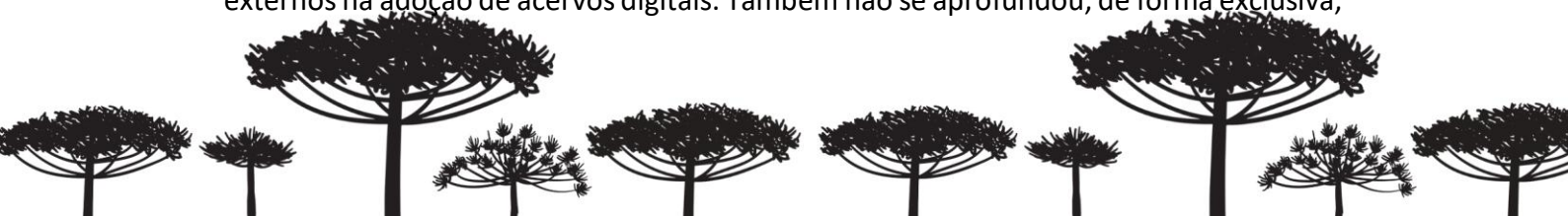
disponibilidade da plataforma não foi suficiente para convertê-la em recurso efetivamente incorporado às rotinas acadêmicas.

Os achados permitem sustentar que o não uso de bibliotecas digitais, em contextos de ensino superior público, não deve ser tratado como dado residual nem como simples expressão de desinteresse discente. Ao contrário, ele pode revelar a distância entre a oferta formal do serviço e as condições concretas de sua apropriação. O caso analisado mostra que, para muitos estudantes, a biblioteca digital permanece pouco visível, pouco compreensível ou pouco integrada às práticas de estudo, o que compromete seu potencial pedagógico.

Do ponto de vista prático, os resultados sugerem ações mais sistemáticas de divulgação, orientação inicial e acompanhamento do uso. Mais do que campanhas genéricas de comunicação, parece necessário reduzir os atritos de entrada que impedem o estudante de reconhecer a biblioteca digital como recurso útil, acessível e integrado às suas necessidades de aprendizagem. Nesse processo, bibliotecários, docentes e coordenações de curso podem exercer papel decisivo ao apresentar a plataforma em momentos estratégicos da trajetória acadêmica e vincular seu uso a disciplinas, projetos, trabalhos de conclusão, atividades avaliativas e ambientes virtuais de aprendizagem.

Em termos operacionais, a redução desses atritos pode envolver ações de baixo custo e alta incidência pedagógica, como a apresentação da biblioteca digital nas semanas iniciais dos cursos, a criação de tutoriais curtos e objetivos, a inserção de links diretos nos ambientes virtuais de aprendizagem, a indicação explícita de títulos da plataforma nos planos de ensino e o acompanhamento do uso em parceria entre biblioteca, docentes e coordenações. Tais ações são relevantes porque aproximam a plataforma das situações reais de estudo, evitando que o serviço permaneça apenas formalmente disponível, mas pouco reconhecido pelos estudantes.

Como limitação, o artigo apresenta um recorte derivado de *survey* realizado em uma única instituição, com participação voluntária de estudantes de cursos presenciais de graduação, o que recomenda cautela na generalização dos resultados. Além disso, o estudo não investigou diretamente os processos de contratação da plataforma, os critérios institucionais de aquisição, os custos envolvidos nem a influência de agentes externos na adoção de acervos digitais. Também não se aprofundou, de forma exclusiva,



nos fatores motivadores da leitura em meio digital ou impresso, tema que merece investigação própria.

Em conjunto, os dados oferecem indícios relevantes para outras instituições públicas que enfrentam o paradoxo da existência de plataformas digitais pouco utilizadas. O estudo reforça que o desafio das bibliotecas digitais no ensino superior não reside apenas em disponibilizar tecnologia, mas em criar condições institucionais para que ela se torne parte efetiva das práticas acadêmicas. O não uso, nesse sentido, não é apenas ausência: é uma pista institucional sobre o que ainda precisa ser comunicado, mediado, simplificado e pedagogicamente integrado.

REFERÊNCIAS

BRUNSKILL, Amelia; HANNEKE, Rosie. Students who are non-users of their academic library: a scoping review. **The Journal of Academic Librarianship**, [S. l.], v. 47, n. 5, artigo 102423, 2021. DOI: 10.1016/j.acalib.2021.102423.

INEP. **Acervo das instituições de educação superior pode ser físico, virtual ou misto**. Brasília, DF: INEP, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/avaliacao-in-loco/acervo-das-instituicoes-de-educacao-superior-pode-ser-fisico-virtual-ou-misto>. Acesso em: 15 jun. 2026.

NAHOTKO, Marek; DEJA, Marek. E-book acceptance by first-year undergraduate students: a longitudinal examination and implications for library researchers. **The Journal of Academic Librarianship**, [S. l.], v. 50, n. 2, artigo 102847, 2024. DOI: 10.1016/j.acalib.2024.102847.

PAULA, Rejane Sales de Lima; SILVA, Elaine da; WOIDA, Luana Maia. A inovação nas bibliotecas universitárias em tempo de pandemia da região norte do Brasil. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 18, p. e020032, 2020. DOI: 10.20396/rdbci.v18i00.8661184.

SAYÃO, Luís Fernando. Afinal, o que é biblioteca digital? **Revista USP**, São Paulo, n. 80, p. 6-17, 2009. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i80p6-17.

VASSILIOU, Magda; ROWLEY, Jennifer. Progressing the definition of “e-book”. **Library Hi Tech**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 355-368, 2008. DOI: 10.1108/07378830810903292.

VENKATESH, Viswanath *et al.* User acceptance of information technology: toward a unified view. **MIS Quarterly**, Minneapolis, v. 27, n. 3, p. 425-478, 2003. DOI: 10.2307/30036540.

XUE, Li; RASHID, Abdur; OUYANG, Fan. The unified theory of acceptance and use of technology (UTAUT) in higher education: a systematic review. **SAGE Open**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2024. DOI: 10.1177/21582440241229570.

